

Depoimento

Carina Berta Moljo*  

Antes de mais nada, queria agradecer aos editores da revista por me convidar para dar meu depoimento sobre o trabalho realizado na revista Libertas, da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFJF. Como sabemos, a memória é sempre seletiva. Embora fundamental para reconstruir o passado, ela é individual ao mesmo tempo que coletiva, já que se constrói na trama da vida social, mediada por nossas experiências, que sempre se desenvolvem no coletivo. Assim, a memória é resultado das nossas vivências, da nossa subjetividade, sempre em contextos históricos determinados, como já nos ensinava Marx (2011, p. 25): “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Assim, permito-me trazer as minhas memórias de 20 anos de colaboração com a Libertas, sabendo que são apenas lembranças e que, nas pesquisas históricas, a memória não é suficiente: ela deve ser contextualizada e cotejada com outras fontes. Mas, como aqui se trata de um depoimento, permito-me resgatar essas recordações e convidar os leitores da revista a visitar os números publicados. Eles expressam o trabalho realizado, embora nem sempre seja visível o enorme esforço coletivo que envolve a publicação de um periódico — desde a idealização do número, recepção de artigos, contato com avaliadores e autores, até a edição, editoração e publicação.

Primeiro, acho importante me apresentar: sou Carina Berta Moljo, assistente social, nascida em Rosário, Argentina, e formada naquele país. Comecei a minha carreira docente e de pesquisa na Argentina na década de 1990 e, em 1997, vim para o Brasil para a realização do mestrado na PUC-SP, e por aqui fui ficando. Em 2005, passei no concurso para a Universidade Federal de Juiz de Fora, na Faculdade de Serviço Social. Fui chamada para assumir o cargo de

* Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carinamoljo@uol.com.br

professora no mesmo ano e uma das minhas atribuições — além de ministrar aulas na graduação e na pós-graduação, orientações e pesquisa — foi justamente a de trabalhar na revista *Libertas*.

Vale destacar que a revista existia desde 2001, com um belíssimo projeto gráfico e qualidade acadêmico-científica, mas enfrentava problemas para receber textos externos à região e dificuldades para manter a publicação semestral. Então, meu primeiro contato com a *Libertas* foi quando passei a integrar a Comissão Editorial.

A primeira tarefa da Comissão — que, conforme consta nos registros, era formada pelas professoras Alexandra Eiras, Auta Stephan, Carina Berta Moljo e Elizete Menegat — foi a de ampliar o Conselho Editorial com membros externos à UFJF e de âmbito internacional, e assim foi feito. Publicamos um número especial em 2007, que contemplava os volumes de 2004 e 2005 com quatro números; em 2008, também foram publicados dois números com quatro volumes, conseguindo ajustar a periodicidade semestral da revista. Nesse mesmo ano, deixei o Conselho Editorial — ao qual voltaria posteriormente — e ingressou a professora Cida Cassab.

Quando comecei, a maioria das publicações da nossa área era impressa; a nossa começou a ser veiculada online em 2006. Hoje, o acesso à internet de alta velocidade é mais simples, assim como o uso de celulares pelos quais podemos ler artigos, mas naquele período não era tão fácil. E não estou falando de tantos anos atrás, mas realmente aconteceu uma revolução tecnológica. Naqueles tempos, esse processo estava apenas começando.

Então, quando ingressei na comissão, o nosso maior desafio era fazer com que ela fosse publicada online, mantendo a periodicidade semestral e ampliando o número de leitores, autores, revisores e o Conselho Editorial internacional. Esse era o desafio coletivo da equipe. Nesse período, eu estava chegando a Juiz de Fora, vinda de São Paulo, com um filho recém-nascido, o que me demandava um enorme aprendizado. Eu não tinha na cidade o que hoje chamamos de rede de apoio: era um novo trabalho, nova cidade, bebezinho, a necessidade de conhecer a cultura mineira e, ainda, participar de uma revista como a *Libertas*. Para mim, foi muito importante porque também me desafiava a escrever em português, uma prática de escrita que eu não dominava. Na PUC-SP, onde me doutorei, era permitido aos alunos estrangeiros escrever na língua materna, então fazer parte da revista era um desafio gigantesco.

A revista, naquele momento, não contava com estrutura física nem com os recursos humanos necessários para sua edição. Quem conhece a Faculdade de Serviço Social deve lembrar que a revista funcionava em uma sala atrás da secretaria acadêmica, que não tinha computador nem acesso à internet. A secretária da revista era a Lisley, se não me falha a memória, e quem a editava era o Márcio. Seria tão bom fazer uma mesa-redonda ou um grupo focal para reconstruir esse processo... porque realmente posso estar cometendo erros ou

esquecimentos; em 2007 nasceu meu segundo filho, então a minha vida estava bem bagunçada!

Mas o que eu queria destacar ao falar da falta de condições é que isso nunca foi um impedimento. Lembro da Elizete tentando tramitar o ISSN online, e sempre pediam algo novo... Enfim, acho que a Elizete foi a professora que mais tempo ficou na *Libertas*, então deve lembrar dessa história muito melhor do que eu. O certo é que fomos nos organizando, publicando e combatendo a endogenia do periódico, que publicava, sobretudo, as produções dos docentes e discentes da UFJF. Passamos a contar cada vez mais com a colaboração de professores de outros estados e países, figuras importantíssimas do debate do Serviço Social brasileiro e internacional, o que pode ser verificado no site da revista, que possui todos os seus números online.

A publicação, na época, era custeada pelo PPG e pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação. As capas eram fotos maravilhosas cedidas pelo fotógrafo Gustavo Stephan, filho da professora Auta. Trabalhamos duro, mas a cada novo número publicado era uma alegria enorme; era a concretização de um trabalho coletivo, feito a muitas mãos. Quando deixei a Comissão Editorial, continuei no Conselho Editorial — e sigo até hoje —, colaborando com a revista seja como parecerista ou como autora.

Na época em que coordenei o PPG (2012-2016), colocava-se um novo debate sobre os periódicos, e lembro muito bem das discussões travadas no interior do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação da ABEPSS, do qual fazia parte. Era o período em que as revistas começaram a ser avaliadas pelo Qualis e exigia-se, entre muitas questões, a padronização em sistemas de acesso aberto. Isso gerou muito debate na nossa área, já que cada revista tinha construído sua própria identidade visual, que não queríamos perder, mas, sobretudo, pelas novas exigências nacionais e internacionais de indexação que, na maioria das vezes, não tínhamos condições para enfrentar.

Tenho a memória de duas reuniões importantes que realizamos na ABEPSS: uma em Brasília, antecedendo o encontro de meio termo da CAPES, e outra no Rio de Janeiro, na UFRJ, onde nos encontramos editores e coordenadores de pós-graduação. Tínhamos uma crítica contundente aos processos de avaliação. No caso da maioria das revistas de Serviço Social, faltavam condições de trabalho, mas estávamos convencidas da necessidade de mantê-las como um compromisso de publicar o que era produzido na universidade, nos espaços de trabalho e nos movimentos sociais. O nosso compromisso sempre foi nessa direção. Lembro que poucas revistas conseguiam o tão esperado Qualis A... e houve periódicos que até pensaram em fechar ou fundir duas ou três publicações para formar uma nova. A *Libertas* continuou acreditando e trabalhando, mas essa parte da história tem companheiras que estavam na Comissão Editorial

e, certamente, os depoimentos delas conseguirão explicar melhor esse período.

Voltei à *Libertas* em 2018 sob novas exigências de funcionamento. Nesse período, a editora-chefe era a professora Elizete Menegat, e na comissão estavam a professora Mônica Grossi e, certamente, outras colegas de quem posso estar esquecendo. Foi muito bom voltar, mas os desafios eram cada vez maiores. Assumi como editora-chefe nesse mesmo ano, já que a professora Elizete sairia para realizar seu pós-doutorado no exterior e eu estava retornando do meu.

A questão mais urgente era inserir a revista nos padrões de publicação do sistema OJS (Open Journal Systems), do qual eu não entendia nada. Era fundamental compreendê-lo, já que todo o processo de trabalho passaria a ser realizado por dentro do sistema, o que mudava o fluxo de trabalho de forma brutal. Ou seja, se antes a gente recebia os artigos por e-mail, enviava-os por e-mail para os avaliadores e, com a revista pronta, encaminhava para o diagramador publicar no site, agora tudo era feito por dentro do sistema. O software tinha falhas e a gente não o dominava, mas não tínhamos como fugir.

Vejam bem: mal tínhamos computador, a internet era muito devagar, não tínhamos conhecimento do sistema e não havia carga horária real destinada à dedicação à revista; então, podem imaginar o tamanho do desafio. A Pró-Reitoria de Pesquisa organizou um curso de capacitação para os editores na época, para que pudéssemos aprender a trabalhar no OJS, que ia desde o recebimento dos manuscritos até a publicação final. Mas ainda tínhamos outras metas: recuperar a periodicidade da revista, ampliar os indexadores e nos "ajustar" aos novos critérios — que não foram escolhidos por nós, mas sem os quais não seria possível qualificar o periódico do ponto de vista técnico, porque, do ponto de vista da qualidade acadêmica, ela nunca se perdeu.

Esse trabalho de qualificação era necessariamente coletivo, e eu tive o melhor time possível. Primeiro, o professor Ronaldo Vielmi Fortes e, pouco tempo depois, incorporou-se o professor Alexandre Aranha Arbia¹. Já no finalzinho da nossa gestão, conseguimos o apoio de um TAE, o querido e competente Luciano Cardoso de Souza, que veio contribuir de forma definitiva, tornando-se editor executivo e designer editorial. Nesse momento, já contávamos com uma sala e um bom computador. Parece o mínimo para que uma revista online funcione — acesso à internet de alta qualidade e equipamentos básicos —, mas, na verdade, nem isso a gente tinha antes. Coloco essas questões para demonstrar a falta de condições que as revistas enfrentam no Brasil, considerando o processo de desfinanciamento que sofremos há muitos anos.

Lembrando que a nossa gestão foi entre 2019 e 2023, portanto, atravessou o meio da

pandemia e o governo Bolsonaro (2019-2022). Aprendemos a trabalhar por dentro do sistema, montamos um corpo de avaliadores externos e nos preocupamos muito em dar respostas rápidas aos autores que confiavam na revista. Sobretudo, conseguimos colocar a *Libertas* definitivamente no sistema OJS, dentro dos padrões de avaliação e com a periodicidade em dia, sem abrir mão da qualidade acadêmica e da nossa linha editorial. Nesse período, contamos com a assessoria fundamental da Professora Maria Lúcia Garcia, da UFES.

Uma vez adequados às novas tecnologias, e sabendo da importância da revista no Brasil e na América Latina, planejamos os números de forma anual, divulgando as chamadas dos dossiês também anualmente, mantendo o fluxo contínuo. Incorporamos também na organicidade da revista duas seções: entrevistas e tradução dos clássicos. Além disso, digitalizamos todos os números antigos e os disponibilizamos online, inserindo capas nas edições que não as possuíam — e aqui contamos com a colaboração de uma ex-aluna que nos cedeu suas fotos, a professora Priscila Castro. Cabe destacar que, se bem a avaliação do Qualis CAPES sempre nos preocupou por ser um parâmetro institucional, ela não foi determinante em nossas ações, nas quais a qualidade da revista sempre foi o primordial.

Tinha esquecido de falar — não lembro a data exata —, mas, em determinado momento, a *Revista* passou a ser publicada apenas no formato digital. Devo confessar que não concordei com essa decisão na época, embora, como não tínhamos recursos para impressão, não houvesse outra saída a não ser optar exclusivamente pela publicação online.

Desde o primeiro número da revista, publicado em 2001, até 2025, foram lançadas 46 edições. Na última avaliação do Qualis Periódicos, realizada pela CAPES, a revista foi avaliada como **A2**, expressando o reconhecimento das contribuições do periódico na nossa área. Mas acho que o maior reconhecimento é a confiança dos autores que escolhem publicar conosco, sabendo das boas práticas editoriais que a *Libertas* mantém desde o seu início até os dias atuais.

Assim, convido todos a realizar um “passeio” pela revista, admirando as imagens de suas capas e lendo os editoriais de duas décadas — o que certamente daria uma bela pesquisa e um raio-X de uma época. Convido-os a ler os artigos publicados, as traduções inéditas dos clássicos, as entrevistas realizadas e os temas escolhidos para os dossiês temáticos. Olhar para a *Libertas* é olhar para a nossa Faculdade que, historicamente, tem se caracterizado como uma instituição comprometida com a construção de uma sociedade radicalmente democrática, com a defesa intransigente dos direitos humanos e alinhada ao projeto ético-político profissional.

Vida longa à *Libertas*!

Referências

MARX, K & ENGELS F. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Ed Boitempo, São Paulo, 2011.

ⁱ Por comemoração dos 20 anos da revista *Libertas*, redigimos um pequeno editorial que pode ser acessado no volume 21.1 de 2021, disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/34536>